

Sobre a Escuta Psicanalítica – como aprender¹

Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho²

Resumo: A escuta do psicanalista é diferenciada. Na função de *o que* escutar e da importância da escuta há uma farta literatura; agora, o *como* escutar não há muita informação. Fato curioso, pois saber escutar é inerente à função do psicanalista. Este trabalho faz uma coleta deste possível método em Freud, Greenson, Bion, Nasio e Minerbo. O resultado é o de que sim, há o como escutar e ele se dá em etapas. Os autores transitam entre compreensão, interpretação, aptidões e alguns são bem específicos quanto a escuta do psicanalista. Concluo que, diferentemente da percepção que iniciei na pesquisa, é possível, mesmo que teoricamente, aprender o *como* se deve escutar, mas a qualidade de nossa escuta será aprimorada a partir dos erros e acertos durante a contínua formação.

Palavras chave: Escuta, Freud, Inconsciente, Psicanálise.

Introdução

Ao analista quais seriam as faculdades fisiológicas necessárias para um bom desempenho, aquelas que carecem de treinamento? Veja bem, estamos falando de questões anatômicas e não psíquicas. Em outras palavras é aquilo que o senso quase comum diferencia entre ouvir e escutar. É compreensível, e é uma consequência natural, que no período de formação psicanalítica estas faculdades se aprimorem, as psíquicas e as fisiológicas.

O ato da fala quando no uso de uma linguagem apropriada tem um caráter fundamental e estruturante à formação do psicanalista. Todavia, será colocada à prova, exclusivamente, apenas na futura relação analítica. Há quem diga que não, este exercício se dá a qualquer momento nas relações do dia a dia. E qual a outra faculdade, não menos atarefada e tão exigida quanto, senão a escuta?

Entretanto, diferente do falar, o escutar se dá para dentro, para o interno. Semelhante à fala temos a audição desde o nascimento, que se aprimora com o passar dos anos. Semelhante à fala, assim como às outras faculdades, nem todos ouvem da mesma maneira, o que pensar da escuta! Então, como saberemos se estamos escutando de forma apropriada à função de analista? Será possível, portanto, assim como pela fala, usar dos interrelacionamentos diários para aprimorá-la que não seja na clínica? Uma possível resposta é não. Reza a teoria que a escuta

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Estudos Psicanalíticos do CPRS em 26/10/2019.

² Membro em formação psicanalítica no Instituto de Estudos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul. Bacharel e Mestrando em Filosofia na Unisinos.

apropriada, com possibilidades de interpretação, dá-se sob a transferência. Por outro lado, fora do contexto do *setting* há uma vantagem. A escuta não carece de posterior interpretação. Não há esta obrigação com o objeto. Portanto, há uma possibilidade de treinamento da escuta analítica.

Por ser uma ferramenta fundamental à função do analista, a escuta deveria ser treinada tanto quanto a absorção da literatura existente, tanto quanto a racionalidade. Então, para a escuta analítica haveria uma preparação ou exercícios durante a formação psicanalítica ou ainda, se existem, são suficientes? Ao que parece não. Durante a formação podemos interpretar, a não ser, a si mesmo. Não há como fazer uma transferência de si para consigo. Talvez o local possível desta escuta de si que se aproxime da analítica, como uma forma de treinamento, seja na própria análise, no divã. Ou, indo mais longe, algo próximo aquele período produtivo da literatura de Freud que ele nominou de autoanálise. A pergunta é: Como aprender esta escuta analítica?

A importância da escuta

Os dicionários não trazem referências de apreender o *como* escutar, mas sim da significativa importância da escuta na história da psicanálise. Em Roudinesco (1998) este verbete não é citado exclusivamente, não há o verbete *escuta*. Entretanto, há algumas referências, destaco: *antropologia* (1998, p. 29), na comparação do método psicanalítico ao xamânico, da **escuta do doente** por parte do médico, quando o feiticeiro provoca a ab-reação através da liberação dos afetos pelo enfermo; *atenção flutuante* (1998, p. 39), que convoca o analista “a **escutar seu paciente sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste e deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação**”, verbete que acaba por me dar um direcionamento na pesquisa; *Bleuler, E.* (1998, p. 78), quando inova o tratamento, partindo da **escuta do doente**, de querer ouvir o sofrimento e decifrar sua linguagem; *Dolto, F.* (1998, p. 158), na **escuta da infância**, que até então a técnica utilizada era a da brincadeira e da interpretação de desenhos, contribuindo significativamente para psicanálise e pediatria; *Estudos sobre a histeria* (1998, p. 205), segundo Lacan, foi por **escutar** Ana O. e Emmy Von N. que Freud inaugurou um novo modo de relação humana; *Ferenczi, S.* (1998, p. 232), pelo seu interesse como médico de um olhar e atendimento do social, enfrentando preconceitos, no auxílio e apoio aos oprimidos e, na **escuta dos problemas** das mulheres; *histeria* (1998, p. 337), o estudo da histeria lançou um novo olhar sobre a feminilidade, que teve início na **escuta dos**

sofrimentos psíquicos da burguesia vienense. Há outros verbetes³ onde a escuta é referenciada, todavia nenhum verbete destes é citado uma possibilidade de *como* se deve escutar, ou de uma possível técnica da escuta.

Vestígios de como escutar

O *como escutar* na literatura de Freud está nos textos sobre a técnica, exclusivamente, em *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (FREUD, 1912). Freud sugere um método que pela experiência é o mais adequado a ele. A técnica é simples e tem como objetivo evitar uma possível confusão frente a tanto material. Não é, portanto, um foco em como escutar no sentido de afinar a escuta para uma escuta psicanalítica, mas de uma capacidade de absorção mnemônica adaptada a proporcionalidade de sessões diárias. Resume a técnica a uma ação de escutar de forma leve, de não procurar nada em especial e “oferecer a tudo que se ouve a mesma atenção flutuante” (1912, p. 112). Antes de ser uma técnica de escuta é uma técnica para evitar a fadiga. Além desta leveza há uma necessária precaução de não seguir as inclinações e expectativas próprias que podem falsear coisas que estão se mostrando de outra forma. Existe uma regra fundamental da psicanálise por parte do paciente, a chamada associação livre. Há uma regra também ao psicanalista, a de “entregar-se totalmente a sua ‘memória inconsciente’ (grifo do autor), ou, expresso de maneira técnica: escutar e não se preocupar em notar coisa alguma” (1912, p. 113). Em outras palavras, é a leveza de uma escuta desapegada.

Já Bion, em sua obra *Atenção e interpretação* (2006), discorre sobre como memórias e desejos podem atrapalhar a análise. Formulações prontas provenientes de situações que evocam sentimentos de prazer ou dor atrapalhariam na busca da verdade. Registra Bion da necessidade do analista “impor uma disciplina a si mesmo positiva de evitar memória e desejo [...] é necessário um ato positivo de abstenção de memória e desejo” (2006, p. 45). Mas se não são estas as condições de um estado de mente adequado, qual seria? Bion, indica que a *Fé* é este estado, mas é uma fé científica, é um ato de fé. A preocupação de Bion é a de que, se o analista tenta ouvir, ele estará ocupado e, portanto, não irá escutar. Em outras palavras, a experiência que está acontecendo a sua frente não será visível. Como exemplo, ele cita casos de psicose nos quais a alucinação descreve um ambiente digno de quadros de Salvador Dali, que, num estado

3 Há referência em outros personagens da história da psicanálise, como Lanzer, Ernst, Leonardo da Vinci, Pankejeff (homem dos lobos), Stekel, Wilhelm. A palavra escuta também vai aparecer nos verbetes Loucura, Moisés e o Monoteísmo, Psicanálise, Psicologia clínica, A psicopatologia da vida cotidiana, Psicose, Regra fundamental, Teoria da sedução, Sexualidade, Simbólico, Técnica psicanalítica e por fim, Transferência.

entre memórias e desejos por parte do analista, o quadro nunca será visto. Uma mente ocupada não percebe os outros elementos que poderiam ser percebidos.

Greenson, antes de discorrer sobre a escuta em *Técnica e a prática da psicanálise* (1991), atenta a personalidade e o caráter do psicanalista, de que a virtuosidade e o brilhantismo não são suficientes para sustentar as exigências emocionais demandadas da situação analítica. Em seguida, ressalta a necessária curiosidade para afugentar o tédio, como também de um interesse real pelas pessoas. Após reunir outros atributos necessários, como uma curiosidade neutra, sem julgamentos, de receptividade para o novo e não de desconfiança como um detetive, Greenson aborda a escuta. O pré-requisito é a empatia, a qual é um fenômeno pré-consciente: “para sentir empatia, o analista deve ser capaz de utilizar estes mecanismos regressivos com facilidade objetivando recuperar uma sensação de intimidade com seu paciente” (1991, p. 425). Para uma empatia eficiente o estoque de experiências pessoais irá facilitar a compreensão do paciente, como o teatro, música, leituras, jogos, folclore, etc.

Minerbo em *Diálogos sobre a clínica psicanalítica* (2016) tem um capítulo dedicado à escuta analítica. Inicia afirmando que a escuta é a parte mais importante da formação. É uma escuta específica que torna a psicanálise diferente de outras psicoterapias. Explica sobre a escuta polifônica, de que na criança-adulto se manifesta alternadamente. O capítulo, entretanto, continua sobre o que escutar e não o *como* escutar. Refere que o conteúdo manifesto e conteúdo latente sofreram uma evolução conceitual. Como exemplo prático da escuta, cita a importância de estar sempre estudando e escrevendo e de dialogar sobre a clínica com amigos. Cada um contribui com comentários, inclusive de possíveis contratransferências. Cita a atenção flutuante para a escuta das associações do analisando, de que há nessa escuta a necessidade de perceber as trilhas associativas do material clínico comum.

Avança sua explanação citando nos estudos de Figueiredo a história das escutas analíticas, de que houve cinco tipos e uma atual. A primeira é a de Freud, “de escuta livremente flutuante das trilhas associativas que conduzem aos desejos inconscientes recalçados” (2016, p. 68). A segunda, ainda na época de Freud, mas já com seus sucessores “ele decorre da segunda teoria da mente, que torna necessário escutar, além do recalçado, também as resistências e os aspectos inconscientes” (2016, p. 70). Já a terceira é o momento kleiniano, de uma “escuta das trilhas associativas verbais e da apresentação estética de uma forma” (2016, p. 73). A quarta é o momento bioniano, quando a escuta se torna imaginativa. Por fim, a escuta empática, que é um retorno ao que ficou retraído nos traumas precoces e não foram adequadamente absorvidas

pelos objetos primários, causando uma retração, ficaram petrificados. Por parte do analista é ir a este encontro do que é inaudível (2016, p. 77). Por fim, existiria um sexto momento que é o momento atual de que a noção de atenção igualmente flutuante deve incluir uma outra dimensão, a de uma escuta polifônica que absorve através de outros canais, de forma diversificada e ampliada (2016, p. 79).

Até então nenhum dos autores apresenta o *como* escutar, a não ser em Nasio no seu último livro *Sim, a psicanálise cura* (2017), com o qual me detenho por mais tempo. Não só explica como se deve escutar, mas também fornece detalhes de como este processo da escuta está estruturado. Ele divide a escuta do psicanalista em cinco etapas: “o psicanalista observa, trata de compreender, escuta plenamente, se identifica e, por fim, comunica a sua interpretação” (2017, p. 26). Embora pareça que a escuta apareça como instrumento apenas nas etapas de *escuta e identificação*, aquela de quando escuta o paciente e escuta a si mesmo, a escuta permeia as cinco etapas. Pois, vamos a elas.

Como proposta de exercício da primeira etapa, a da *observação*, Nasio afirma sugerir aos seus alunos: estando na rua, tentar observar as outras pessoas e inventar histórias a partir deste olhar. É uma proposta de construir uma narrativa sobre determinada pessoa. Nesta etapa, Nasio cita que “uma escuta começa com uma observação apurada” (2017, p. 29). Já a segunda etapa, a *compreensão*, está dividida em duas partes: tentar identificar a imagem negativa que o analisando tem; de forma mais profunda, deduzir a fantasia inconsciente. Como exemplo, a adicção, aqueles que “bebem para esquecer”. Nos homens, para suportar a impotência sexual ou as exigências profissionais e sociais; nas mulheres, para afogar suas tristezas e dolorida solidão. Em ambos os casos transparece aquilo que o ato de compreensão ofereceria do analisando, a imagem negativa de si combinada a um conflito fantasístico.

Na terceira etapa, a da *escuta* propriamente dita, Nasio dá nome a duas condições essenciais de uma escuta apropriada, o da *forclusão voluntária* e a do *inconsciente instrumental*. A primeira aconteceria quando, a partir de um rastro, de um vestígio mínimo manifestado pelo analisando, o analista é fizado a um estado de percepção diferenciado. Neste estado o analista está em total atenção ao exterior, de forma que suas reflexões internas não atrapalham suas novas apreensões. Esta situação permite a escuta a partir de um outro lugar, a do analisando. Estado que permite o próximo, do *diálogo entre os inconscientes* presentes no *setting*. Esta mescla de inconscientes permitiria uma escuta mais fidedigna da do analisando frente àquilo que lhe traz sofrimento. Há riscos de serem fantasias do analista? Nasio diz que é

possível, mas o retorno dado pelo analisando através do diálogo na clínica poderá confirmar ou não que se trataria de uma mera fantasia do analista.

A quarta etapa é da *identificação do psicanalista* com a criança fantasística. Permitiria viver e experimentar o ser fantasístico que surge dentro do analista a partir deste novo lugar. Por fim, a última etapa, a da *interpretação*. Nela o analista traduz sua percepção de estar no lugar do outro e dizer ao outro a partir de si. A linguagem verbalizada do analista se dará de diversas maneiras, não só em seu conteúdo como em forma e, talvez, pelo silêncio. Nasio destaca que esta etapa é fundamental “dizer com clareza ao paciente aquilo que já sabe, mas de maneira confusa” (2017, p. 42). Em resumo, seguem as cinco etapas: “Uma vez obtido o silêncio interior, capto o inconsciente do meu analisando, que se impõe como uma cena fantasística, visto a pele do personagem principal e, deixando-me levar pela ação, transmito por fim ao paciente, com infinita delicadeza, o que acabo de viver” (2017, p. 43).

Para finalizar, Nasio desenvolve durante este capítulo a diferença entre o ouvir e o escutar. O escutar do psicanalista compreende estas cinco etapas descritas enquanto o ouvir estaria numa camada bem superficial, aquela da função fisiológica inerente a anatomia humana.

Conclusão

Há um paradoxo aqui, o de diálogo de inconscientes em Freud, Nasio e Greenson, que é o de supostamente o inconsciente dialogar com outro inconsciente. Ou não é o inconsciente ou é um estado além daqueles que já conhecemos (ICS, PCS, CS). Nasio afirma já ter nomeado de outras formas como o de *dupla empatia*, *escuta endopsíquica*, *captação*, *mergulho dentro de si mesmo*. Particularmente, acho de um caráter um tanto metafísico o *inconsciente instrumental*. Talvez um estado de percepção profundo, escuta a partir do objeto, ou simplesmente, a partir do outro.

Uma questão, a meu ver, bastante relevante, que desde o início me motivou na presente pesquisa foi a pouca importância que Freud deu a um tema tão visceral à clínica quanto à escuta. A propósito, todos os autores retomam, cada um a seu jeito, as poucas linhas que Freud deixou sobre o tema nas *Recomendações*, que, parece-me, ser um foco de memorização e conforto, não de procedimentos. Se posso afirmar principalmente a quem está em formação, dentre os autores dessa pesquisa, se existe uma lista de procedimentos de *como* escutar, ela está em Nasio. Todavia, percebe-se claramente na descrição do processo de como escutar, a partir de Nasio, uma construção, obviamente, a partir de outros analistas, alguns destacados nessa pesquisa.

Por fim, a escuta analítica vai um pouco além da escuta comum, daquela quando escutamos as pessoas que nos são caras, aquelas que nos afetam.

Referências

BION, W. **Atenção e interpretação**. Trad. de Paulo Cesar Sandler. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise” (1912). **Obras completas**, vol. 10. Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 112-122.

GREENSON, R. **A técnica e a prática da psicanálise**, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

MINERBO, M. **Diálogo sobre a clínica psicanalítica**. São Paulo: Blucher, 2016.

NASIO, J.-D. **Sim, a psicanálise cura**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.